maio de 2018.

Indicadores da Qualidade na Educação, Relações Raciais na escola, Parcerias Ação Educativa, Unicef, Seppir, Ministério da Educação

Marçal, José Antônio,A formação de intelectuais negros(as),série Afropensamentos,2012

Oliveira,Nelson da Silva,Vultos Negros na História do Brasil,Guia de direitosdo Brasileiro Afro-descendente, Brasilia2001

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DA ARTETERAPIA NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E CONTOS DE FADAS

FABIANA CRISTINA CIRINO

RESUMO

Sabendo-se que a prática educativa é um fenômeno social e universal necessário à existência de todas as sociedades podemos dizer que a Arteterapia explora recursos criativos da arte (música, teatro, desenho, pintura entre outros), como elementos terapêuticos com poder transformador, auxiliando pessoas a entrarem em contato com o seu universo, com seus sentimentos mais profundos e dar-lhes formas simbólicas através da arte. Assim sendo, a arteterapia possibilita que qualquer indivíduo entre em contato com seu próprio universo interno e com todos aqueles que estão em sua volta. Tratando-se sobre os benefícios que a arte como terapia pode proporcionar Questiona-se como a contação de histórias e os contos de fadas podem influenciar na Arteterapia? Objetivou-se investigar as possibilidades terapêuticas da arteterapia por meio da contação de histórias e dos contos de fadas entre pessoas de diferentes idades, e o quanto ela pode fazer diferença em suas vidas. Pretende-se com atividades artísticas estimular a criatividade e sua expressão por meio dos contos de fadas e contação de histórias. A metodologia desenvolvida foi à pesquisa bibliográfica que segundo Severino (2016) tem como fonte primordial os registros impressos decorrentes de pesquisas anteriores, ou seja, livros, artigos ou teses que contêm texto analiticamente processados pelos seus autores.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Arteterapia; Contação de Histórias; Contos de Fadas.

1 INTRODUÇÃO

O artigo trata sobre os benefícios que a arte como terapia pode proporcionar, verificando o quanto imprescindível a arteterapia pode ser para a saúde mental e o quanto a arte como elemento terapêutico pode refletir na saúde das pessoas. Desenvolveu-se pela nossa crença de que a arte pode ser regenerativa, podendo ainda afastar medos, inseguranças, aumentar a autoestima, reafirmar valores, resgatar sentimentos e ampliar limites.

Questiona-se como a contação de histórias e os contos de fadas podem influenciar na Arteterapia?

Objetivou-se investigar as possibili-

dades terapêuticas da arteterapia por meio da contação de histórias e dos contos de fadas entre pessoas de diferentes idades, e o quanto ela pode fazer diferença em suas vidas. A terceira idade, por exemplo, é uma etapa natural da existência humana com características próprias, na qual ainda há possibilidades de mudanças e realização pessoal, facilitada pela maior disponibilidade de tempo e liberdade, podendo ser um período interessante de descobertas e renovação da vida.

Pretende-se com atividades artísticas estimular a criatividade e sua expressão por meio dos contos de fadas e contação de histórias. Tal questão nos permite inúmeras reflexões, no entanto, o foco principal deste artigo é a análise de documentos que permitam compreender a genuinidade da contação de histórias na vida das crianças, oferecendo-lhes assim e mais uma ferramenta pedagógica indispensável para seu processo de aprendizado.

A metodologia desenvolvida foi à pesquisa bibliográfica que segundo Severino (2016) tem como fonte primordial os registros impressos decorrentes de pesquisas anteriores, ou seja, livros, artigos ou teses que contêm texto analiticamente processados pelos seus autores.

A Arteterapia explora recursos criativos da arte (música, teatro, desenho, pintura e etc.), como elementos terapêuticos com poder transformador, auxiliando pessoas a entrarem em contato com o seu universo, com seus sentimentos mais profundos e dar-lhes formas simbólicas por meio da arte. Assim sendo, a arteterapia possibilita que qualquer indivíduo entre em contato com seu próprio universo interno e com todos aqueles que estão em sua volta.

2 A ARTETERAPIA E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A arteterapia promoveu-se e se estabeleceu como campo específico do conhecimento em 1940 nos Estados Unidos da América com os trabalhos de Margareth Nauberg conhecida como a mãe da Arteterapia (CIORNAI, 2004).

A Arteterapia é uma prática terapêutica que tem como objetivo conduzir o cliente, individualmente ou em grupo, ao conhecimento de si mesmo. Visa a estimular o crescimento interior, abrir novos horizontes, ampliar a consciência do indivíduo sobre si e sobre sua existência e o desenvolvimento da personalidade (CRUZ, 2017, p. 1).

Conforme Cruz (2017) a Arteterapia é utilizada por pessoas que sofreram doenças, traumas, dificuldades na vida ou que buscam melhorar a autoestima, lidar melhor com sintomas de estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

A arteterapia é um "processo predominantemente não verbal, por meio das artes plásticas e da dramatização, que acolhe o ser humano com toda sua complexidade e dinamicidade. (...) procura aceitar os diversos aspectos dos pacientes, como os afetivos, culturais, cognitivos, motores, sociais entre outros, tão importantes na saúde mental" (VALLADARES et al 2008 apud COQUEIRO, 2010, p. 2).

A aprendizagem artística envolve, dessa forma, um conjunto de diferentes tipos de conhecimentos, que visam à criação de significações, exercitando funda-

mentalmente a constante possibilidade de transformação do ser humano.

A arteterapia é comumente definida como uma atividade privilegiada de expressão. É esse privilégio, dentre outros, que faz da arteterapia uma disciplina paramédica muito particular. O ser humano, independentemente da idade, busca a felicidade. Ora, se ser feliz depende da boa saúde ela, entretanto, não é suficiente. Com efeito, todos nós conhecemos pessoas com boa saúde e bem estar.

A arte pode ser considerada uma expressão do universo cognitivo e afetivo de cada um, pois revelamos o que sentimos e pensamos, quando trabalhamos com ela. A arte pode ser uma reelaboração da realidade, pois cada pessoa vê uma mesma coisa de maneira diferente e reconstrói usando formas, ritmos, linguagens e elementos diversos. Toda obra de arte é filha do seu tempo, "e muitas vezes, mãe de nossos sentimentos. Cada época de uma civilização cria uma arte que lhe é própria e que jamais se verá renascer" (KANDINSKY, 1990 apud BUORO, 2009, p. 24).

A arte por si só parece ser regenerativa. Liberta o medo. Desenhando, pintando, colando, esculpindo, costurando, tricotando, cozinhando, dançando, atuando, fazendo ou ouvindo música, aumentam-se a autoestima, os valores, os sentimentos, as capacidades, ampliando os limites e a percepção crítica.

A manifestação artística de certos alienados, sob qualquer forma (escultura, desenho, pintura, poesia, etc.) é uma necessidade à sua vida de enclausuramento. Talvez seja este o motivo para que suas ideias alucinatórias, de grandeza, venham a se objetivar mais demoradamente no mundo da realidade material. Dessa forma, nós observamos um fato singular. Os doentes que se entregam a essas cogitações ficam calmos, trabalham com prazer, estilizam suas manifestações de arte com interina satisfação de ânimo. Dir-se-ia que seus pensamentos se perdem num enorme mundo de belezas (TOMMASI, 2005, p. 35).

A contação de histórias, por exemplo, é uma técnica da Arteterapia direcionada, sobretudo, para crianças, pois proporciona descontração, relaxamento e bem-estar físico, emocional, social e intelectual.

O ato de contar uma historia, além de atividades lúdicas, amplia a imaginação e ajuda a criança a organizar sua fala, por meio da coerência e da realidade. O ver, sentir e ouvir são as primeiras disposições na memória das pessoas (HAMZE, 2013).

Tal arte compõe papel de suma importância dentro do contexto literário, trabalhando assim o desenvolvimento da criança, por meio de práticas orais, construção do saber reflexivo, estimulando o interesse e a imaginação, que supostamente irá trabalhar seu processo cognitivo, possibilitando a construção de ser um leitor, ouvinte e possibilitando em si, sua própria criação.

A prática de contar história contribui ricamente no desenvolvimento do indivíduo, seja ela intelectual, social, cultural e de descobrimento de seu próprio eu, pois é no mundo imaginário que a criança desperta seu interesse, seja no momento em que está ouvindo ou narrando uma história. Influenciando juntamente com o processo artístico a interação social, o dia-

logar, conhecimentos e gosto pela leitura, assim como o fantasiar, ou seja, fazer parte da história, expor seus sentimentos, medos, angústias, alegria e esperança.

As histórias promovem valores e conceitos onde cada um na sua subjetividade, se descobre juntamente com o mundo real, seja a história ficção, aventura, drama e todos os gêneros já conhecidos, inseridos nos inúmeros livros literários, que dentro de uma sociedade de diversas culturas, crenças, visões políticas, etnias, moralidade, prevê um desenvolvimento revelador e significativo para cada indivíduo.

A comunicação, a vivência, a interpretação e valor que cada obra tem, atinge todo indivíduo, independente de sua idade ou formação social, porque a leitura e a arte de ouvir e contar história, está presente na nossa história, seja ela na formação da cidadania e todos os paradigmas que a sociedade percorre através do tempo, sendo assim, dentro de nosso próprio contexto individual e coletivo.

A história nada mais é do que a formação e a compreensão da cidadania e do próprio conhecimento, o que para sua prática requer o entendimento do seu processo e dos caminhos que ela percorre, seja no mundo imaginário, transportando-se para a realidade e o desenvolvimento social, crítico e cultural.

Existem muitas maneiras de se chegar ao mundo. Existem algumas maneiras de se conhecer o mundo. Mas não há como escapar, o mundo é uma grande historia que se lê diariamente. A história é narrativa que se baseia num tipo de discurso calcado no imaginário de uma cultura. As fábulas, os contos, as lendas são organizados de acordo com o repertório de mitos que a sociedade produz.

Quando estas narrativas são lidas ou contadas por um adulto para uma criança, abre-se uma oportunidade para que estes mitos, tão importantes para construção de uma identidade social e cultural, possam ser apresentados a ela.

As histórias recreiam, distraem, descarregam as tensões, aliviam sobrecargas emocionais e auxiliam, muitas vezes, a resolver conflitos emocionais próprios, elas funcionam como antídoto, na solução dos problemas infantis. Como um fator de equilíbrio emocional.

Percebe-se, então, quanto é importante que o Pedagogo Hospitalar esteja atento às reações infantis, perante as historias contadas, podendo ser de grande ajuda para compreensão da realidade de cada uma das crianças.

O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte da satisfação de necessidades básicas das crianças (COELHO, 2009).

A importância de contar histórias vai muito além da recreação. Por meio delas podemos enriquecer as experiências infantis desenvolvendo diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, formando o caráter, desenvolvendo a confiança na força do bem, proporcionando a ela viver o imaginário.

Além disso, as historias estimulam o desenvolvimento de funções cognitivas importantes para o pensamento, tais como a comparação, o pensamento hipotético, o raciocínio lógico, pensamento divergente ou convergente, as relações espaciais e temporais (toda historia tem principio,

meio e fim).

Os enredos geralmente são organizados de forma que um conteúdo moral possa ser inferido das ações dos personagens e isso colabora para a construção da ética e da cidadania em nossas crianças.

É claro que sempre houve quem contasse histórias! As Amas, os professores, sempre contaram histórias! As avós sempre estiveram aí para provar que muito do encantamento da infância está ligado às sessões espontâneas de narração de histórias, bem ao pé do ouvido e nas noites de maior intimidade e revelações.

Mas o contador, informal e tradicional, levantou o corpo, pôs-se de pé foi para o centro da audiência e começou a usar o corpo inteiro para contar; modulou a sua voz para criar toda espécie de clima necessário à melhor recepção da história; passou a preocupar-se com a sua dicção e linguagem; aprenderam a surgir com os gestos os elementos constituintes da ação, da construção de personagens e cenários; exercitou o controle de emoções e a sua necessária dosagem; entregou-se a platéias mais numerosas que a familiar ou a da sala de aula.

2.1 A DEMOCRACIA A LEITURA E SEU REAL SENTIDO

A leitura é o centro das preocupações tanto da escola e dos pais quanto da formação de adultos e da política cultural. Os avanços são numerosos e surgem soluções para permitir uma significativa melhora nos resultados observados. A reflexão pedagógica está se desenvolvendo em torno de três conquistas, que ainda devem ser aprofundadas, e não podem ser deixadas de lado, sendo elas a pesquisa, a experimentação e a prática.

A separação entre os alfabetizados e leitores está sendo inquirida hoje, obrigando todos os sistemas educacionais de todos os países a reconsiderar o ensino da leitura ou, mais precisamente, levá-lo a considerações, pois este não foi diretamente o seu projeto.

Na fase do aprendizado, o meio deve proporcionar a criança toda ajuda para utilizar textos e não simplificá-los para adaptá-los as possibilidades atuais do leitor. Não se aprende primeiro a ler palavras, depois frases, mais adiante textos e, finalmente, textos dos quais se precisa. Para aprender a ler enfim, faz-se necessário estar envolvido pelos textos, encontrá-los, ser testemunha e associar-se à utilização.

Perrenoud (2010) faz uma análise bastante consistente do real sentido da aprendizagem e de como vemos o fracasso da escola nos últimos anos, utiliza denominados conceitos que fazem parte do repertório teórico interacionista, especificamente das propostas construtivistas de desenvolvimento, além de evidenciar algumas possibilidades de mudança pedagógica. Analisa pesquisas e perspectivas de ensino e aprendizagem inadequados e também apresenta propostas de intervenção escolar que objetivem uma excelência.

A escola, com seus programas e currículos, traduz uma vontade política e escolhas culturais. Isso quer dizer que as pessoas com mais acesso às formas de excelência que a escola valoriza ler, escrever, contar, dominar línguas estrangeiras e certas disciplinas técnicas ou científicas acaba tendo mais chance de conseguir melhores

oportunidades de trabalho ou nível social. Além disso, o rótulo de fracasso ou sucesso se instala a partir das avaliações. Apesar da autonomia para mudar, a escola repete o modelo das hierarquias de excelência, e essa marca de fracasso, para aqueles que não correspondem aos níveis esperados, é indelével.

O fracasso escolar não é a simples tradução lógica de desigualdades tão reais quanto naturais. Não se pode pura e simplesmente compará-lo a uma falta de cultura, de conhecimentos ou de competências (PERRENOUD, 2010, p. 22).

Esta falta é sempre relativa a uma classificação, ela própria ligada a formas e normas de excelência escolar, a programas, a níveis de exigência, a procedimentos de avaliação. Contudo, identificar estas questões não basta para fazê-las desaparecer (FREIRE, 2011).

O que a escola faz diante das diferenças; segundo duas explicações apontadas por Perrenoud (2010), uma voltada para a teoria das aptidões, outra, voltada para os tratamentos das diferenças, visam aos processos conhecidos como reprovação, apoio pedagógico, atendimento médico-psicológico, etc., que são os recursos utilizados para situações de não-aprendizado.

Perrenoud (2010), contudo, não aprofunda essa discussão. O que ele justifica é que, independentemente da distância induzida pela instituição, o relacionamento com o professor, por si só, pode caracterizar este fator, descrito nas instâncias que segue.

A relação com o saber à maneira pessoal como um professor concebe a cultura escolar e sua própria relação com o saber modula as distâncias entre os alunos e a escola.

Ele pode rejeitar os alunos que não compartilham o mesmo saber que ele, ou ainda, sentir-se agredido ou menosprezado, se não percebe interesse nos mesmos temas, apesar de saber que existem assuntos que o entediam tanto quanto aos seus alunos, mas mesmo assim, incomoda-se. É necessário um imenso autodomínio para não cair em represálias.

O importante é que o uso destas autonomias não contribua de forma sistemática para favorecer os já favorecidos e discriminar os discriminados. Quem sabe assim talvez, teremos os últimos anos de fracasso escolar.

Conforme (Brandão e Micheletti, 2002, p. 17):

O ato de ler é um processo abrangente e complexo. É um processo de compreensão, de intelecção de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem. A sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação da palavra (apud BURANELLO, 2009, p. 14).

Nesse sentido, conforme Brandão e Micheletti (2002 apud BURANELLO, 2009) a recepção de um texto nunca poderá ser entendida como um ato passivo, pois quem escreve o que faz pressupondo o outro, o leitor, quer seja ele empírico, real ou virtual. Se um texto é marcado por sua incomplenitude e só se completa no ato da leitura; se o leitor é aquele que vai fazer funcionar o texto, na medida em que o opera por meio da leitura, o ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

Ao contrário, para essa concepção de leitura o leitor é um elemento ativo no processo. Um texto bem formado, conforme Brandão e Micheletti (2002 apud BURANELLO, 2009, p. 14) trazem em seu bojo, desde um momento inicial de sua concepção e produção, uma preocupação com o seu destinatário.

2.2 AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS E DOS CONTOS DE FADAS NA ARTETERAPIA EM HOSPITAIS

Inventar uma história é fato natural e espontâneo na criança, criá-la é uma forma muito completa de expressar sentimentos e ideias, é preciso, porém toda uma atitude positiva e criativa por parte do contador, de forma a ampliar esse poder de imaginação infantil. O principal nesta arte é saber despertar emoções, pois as forças da fantasia, sonho, magia, mistério e da intuição ainda atraem espontaneamente as crianças.

Acredita-se que o contar histórias em ambientes hospitalares, seja extremamente necessário, pois mexe com o imaginário sendo uma influência muito benéfica principalmente nesse momento de fragilidade, porque por meio da assimilação dos conteúdos da história existe uma fusão entre o real e o imaginário, isto porque o ouvinte se identifica com os personagens e "vive" o drama que ali é apresentado de uma forma simples, porém impactante, ao mesmo tempo em que distrai apresenta virtudes, defeitos e esperança.

As histórias apresentadas agem no inconsciente, por meio do prazer e emoções, devido ao simbolismo implícito nas tramas e personagens, facilitando à compreensão de valores básicos da conduta humana e de convívio social, mas principalmente facilitando a compreensão do drama que está vivendo.

O russo Levy Vygotsky (1896-1934) e o francês Henri Wallon (1879-1962), trouxeram fortes contribuições para o conhecimento e forma de a criança se modificar, o que para os Pedagogos Hospitalares são grandes cunhos informativos que contribuem para o seu papel docente e social.

A construção do pensamento e da subjetividade é um processo cultural, e não uma formação natural e universal da espécie humana. Ela se dá graças ao uso de signos e ao emprego de instrumentos elaborados por meio da história humana em um contexto social determinado. (VYGOTSKY, 2007 apud RAMOS, 2011, p.127).

Enquanto os animais agem e reagem à natureza de uma forma sensorial instintiva, o homem extrapola suas capacidades sensoriais pelo uso de instrumentos construídos por meio do trabalho coletivo no qual interage com outros homens (VYGOTSKY, 2007 apud RAMOS, 2011, p.127).

A construção social da criança, conforme Oliveira (2011) acontece de acordo com o meio em que vive; seus familiares, amigos, vizinhança, igreja, escola, etc.; numa troca entre a criança e o seu meio, um interagindo com o outro onde a criança modifica e é modificada.

Sendo assim cada criança vivencia a sua própria construção social, o que segundo Vygostsky (2007), seria a construção do pensamento e da subjetividade sendo assim um processo cultural, formado na vida social.

Enquanto os animais agem e rea-

gem à natureza de uma forma sensorial instintiva, o homem extrapola suas capacidades sensoriais pelo uso de instrumentos construídos por meio do trabalho coletivo no qual interage com outros homens (VYGOTSKY, 2007 apud RAMOS, 2011, p.127).

Sendo assim, a leitura, seja ela do mundo, ou do mundo dentro do ambiente hospitalar, se dá por fatores que resultam em conhecer a sociedade e a si próprio, onde uma roda de conversa, ou o ouvir uma história, nos traz a suma importância do papel evolutivo e reflexivo da criança, por meio de instrumentos e materiais que possam chamar a atenção da criança, ou seja, o uso prático dessas ações, quem ouve uma história, interpreta, reflete, cria e produz a partir do seu próprio conhecimento.

Para Wallon (2007), esse processo de desenvolvimento, também é resultado das variadas condições em que o indivíduo está localizado, seja na história da cultural de seu meio, seja na história decorrente de seu meio familiar.

O Pedagogo Hospitalar e mesmo o arteterapeuta na tentativa de amenizar a dor e as trágicas consequências sociais do período de internação e de tratamento toma para si uma tarefa de reintegrar o paciente, seja ele, criança, jovem ou adolescente ao seu ambiente social, indicá-los novos entendimentos e atitudes no seu processo de construção e novos valores.

O que consequentemente nos mostra a grande importância que a arte de contar histórias representa, o quanto contribui e é real sua construção no processo para a evolução social, cognitiva, interativa e de fundamental e essencial importância para as novas etapas a seguir adiante na busca da aceitação do processo de internação.

A história deve ser nesse momento, passos que soam como música, os convidados para sair da toca, agindo com um antídoto, fortalecendo o emocional e o psicológico, evitando maiores problemas e introjetando esperança, até para que os pacientes tenham forças para dar continuidade as suas vidas e seus estudos.

De maneira serena, a criança precisa descobrir que a emoção é componente indissolúvel da ação humana e que as pessoas, e ela também, vivem momentos de alegria e tristeza, entusiasmo e frustração, amor e ódio. As histórias e as conversas que sobre seus personagens se desenvolve, representa sugestivo caminho para o alcance dessa meta (ANTUNES, 2009).

Entende-se então que por meio dos contos de fadas, a criança amplia o seu pensamento e linguagem.

Os contos de fadas estão envoltos no ambiente necessário para que a criança perceba que não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia. Por isso eles mantêm uma estrutura fixa: parte de um problema que está ligado à realidade vivida pelo personagem algo que causa um desequilíbrio ao clima de tranquilidade com que se iniciou a narrativa (ABRAMOVICH, 2010, p. 121).

Em seguida, o desenvolvimento da história caminha em busca de uma solução, ainda no plano da fantasia, e nesse momento entram em cena elementos mágicos: anões, bruxas, magos, duendes e fadas que ou auxiliam ou atrapalham o desenrolar.

Logo a história segue para o seu desfecho quando acontece à restauração da ordem e se volta ao real. Partindo dessa trajetória os autores vão ao encontro do potencial imaginativo que a criança tem, mas também demonstram que ela não pode ficar indefinidamente no mundo da fantasia.

Por lidar com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje. Os contos de fadas têm uma singularidade que os fazem diferentes das demais histórias e não é o fato de possuir duendes ou fadas atrapalhadas que fazem de "um conto qualquer" um "conto de fadas". Declara que a "a magia não está no fato de haver uma fada já anunciada no título, mas na sua forma de ação, de aparição, de comportamento, de abertura de portas" (ABRAMOVICH, 2010, p. 121).

Essas ideias ganharam corpo após os estudos de Bruno Betelheim (2016) declarando ser esse tipo de leitura o mais enriquecedor e satisfatório para ensinar sobre os problemas internos dos seres humanos.

Betelheim (2016) demonstra que os contos fazem as pessoas aceitarem suas diferenças intrínsecas e apresentam soluções em qualquer sociedade e em todos os tempos para os conflitos que são inerentes à pessoa humana.

Enfatiza Betelheim (2016) que para a criança aceitar essa diferenciação, que o auxilia, a crescer como pessoa, construindo sua própria identidade, ela precisa encontrar na leitura uma definição para as situações que acontecem no cotidiano, por meio das trocas de papéis que são experimentadas e vividas por ela ao se imaginar no lugar da personagem da história.

Essa também é a ideia de Abramovich (2010, p. 30) ao demonstrar que alguns autores hoje utilizam elementos como estrela, sinos, torres, gatas com óculos, lira no telhado para passear na imaginação dos leitores, com sugestões que devem ser digeridas devagar, dando perspectivas inteligentes ao olhar que se renova através do roteiro criativo e bem feito.

Os contos de fadas falam dos medos que cada pessoa enfrenta na vida, daquilo que realmente a assusta e que é diferente do que causa medo ao seu vizinho. Traduzem os "medos dos silêncios imensos que abafam os gritos" segundo a autora ou então daquele medo que permite procurar a pessoa amada atrás de uma máscara, mesmo tendo sido solicitado que ela nunca fosse retirada, acaba revelando ou provocando, ao não ser o pedido respeitado um momento de horror (ABRAMOVICH, 2010, p. 123).

Nos contos de fadas, acontece uma mistura de fantasia ilógica e de lógica na realidade assim como acontece na vida e na essência familiar. Demonstra que, da mesma forma, também na família há múltiplas maneiras de interação que, estão continuamente ocorrendo, por vezes de forma simultânea. Elas podem ser desencadeadas pela forma como os pais se relacionam, ou pela maneira como tratam seus filhos, e dependem do aspecto de modernização vivido pelos membros da família.

Vygotsky (2011) não separa o intelecto do afeto porque busca uma abordagem abrangente, que seja capaz de entender o

sujeito como uma totalidade. Sucinta que os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo. Como é possível observar, na sua perspectiva, cognição e afeto não se encontram dissociadas no ser humano, pelo contrário, se interrelacionam e exercem influências recíprocas ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo.

Apesar de diferentes, formam uma unidade no processo dinâmico do desenvolvimento psíquico, portanto, é impossível compreende-los separadamente. É justamente por isso que aponta para a necessidade de uma abordagem unificadora dos aspectos intelectuais e afetivos no estudo do funcionamento psicológico.

A ação artística, no que diz respeito a ela, está ancorada de início sobre a capacidade do ser humano de receber informações do seu exterior por meio dos sentidos. Essas impressões provocam uma estimulação das faculdades mentais como a memória, o imaginário ou a inteligência, o que pode produzir uma reação corporal que pode ser bruta como um grito, ou tapar os olhos para não ver nada ou os ouvidos para não ouvir (FORESTIER, 2011, p. 37).

A Arteterapia é coerente com o seu projeto de construção de uma nova psicologia e expressa a sua luta em fazer avançar o estado de conhecimento de seu tempo.

3 CONCLUSÃO

Quando pensamos em Arte pensamos em algo que, na verdade, não conseguimos definir bem. Temos indicações imprecisas, exemplos duvidosos e um gostar pessoal, uma espécie de identificação, que influencia nossos conceitos e os juízos de valor que expressamos acerca das coisas artísticas e do repertório cultural construído pelo homem desde os primórdios de sua existência.

Definida como uma atividade privilegiada de expressão, a arteterapia faz parte de uma disciplina paramédica, milenar e muito original. Fazendo parte da Pedagogia e da Parapsicologia, podendo assim, portanto, auxiliar em males emocionais, onde liberta depressões advindas de angústia passadas e da ansiedade pela incerteza do futuro.

O ser humano, independentemente da idade, quer ser feliz. Se depender de boa saúde, a felicidade pode ser comprometida. Se entendermos que grande parte das enfermidades surge com o passar dos anos, atingindo principalmente os idosos, a arteterapia pode adquirir enorme importância na existência dessa parcela da população, de maneira a atenuar, ou mesmo até, em alguns casos, sanar essas enfermidades.

Dentro do conceito de arteterapia, englobam-se diversas características que podemos destacar como imensurávelmente proveitosas, no qual as experiências trocadas fortalecem os estímulos que difundem a arte como processo de interação, criatividade, motivação e libertação, uma vez que a arte traduz o consciente e inconsciente de cada indivíduo, tornando-o único, dentro de suas características, experiências e também limitações.

Conclui-se que a arte é uma linguagem que expressa, comunica e atribui sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, cor, luz, sendo, portanto, uma das maneiras mais importantes de se expressar e se comunicar.

As artes devem ser concebidas como uma linguagem que tem características próprias no âmbito prático e reflexivo cuja aprendizagem se dá através dos seguintes aspectos: Fazer artístico, Apreciação e Reflexão.

Acrescenta-se que o contar histórias estimula a imaginação, inteligência, criatividade além de desenvolver o poder criador do pensamento do ouvinte.

Sendo este um trabalho de análise documental, não se pretende dar por encerrada a discussão sobre o desenvolvimento da arteterapia com a contação de histórias e contos de fadas, mas sim, criar possibilidades de debates propondo experimentos que possam considerar a contação de histórias e a literatura como ferramenta pedagógica que deve ser utilizada pelos arteterapeutas e educadores no processo escolar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2010.

ANTUNES, C. Alfabetização emocional: novas estratégias. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BETTELHEIM, B. Psicanálise dos contos de fadas. 33. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

BUORO, A. B. O Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BURANELLO, E. C. A leitura crítica nas aulas de Língua Inglesa: uma experiência com o gênero leitura em quadrinhos. Maio de 2009. p. 14. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/378-4.pdf? Acesso em 28 fev. 2021.

CIORNAI, S. Percursos em arteterapia: três vertentes pioneiras da arteterapia nos Estados Unidos. In: Margareth N. A arte em terapia. São Paulo: Summus; 2004.

COELHO. B. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2009. COQUEIRO, N. F. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental.

Revista Acta paulista de enfermagem. v. 23, n. 6, ISSN 0103-2100, São Paulo, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000600022. Acesso em 28 fev. 20021.

CRUZ, N. H. O que é arteterapia e para que serve? Publicado por Fazer Aqui em 28/05/2017. Disponível em: https://www.fazeraqui.com.br/o-que-e-arteterapia-e- para-que-serve/. Acesso em 28 fev. 2021.

FORESTIER, R. Tudo sobre arteterapia. Trad. José Luiz Cazarroto. São Paulo: Ideias e Letras, 2011.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HAMZE, A. O momento mágico de contar histórias. 2013. Disponível em: